



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDEO NUNES DE BARROS – PICOS/PI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

LÍVIA MOREIRA BARROSO

**HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DO RÁDIO PICOENSE: O “CORRESPONDENTE DO
INTERIOR” POR SEUS LOCUTORES**

PICOS – PIAUÍ
2014

LÍVIA MOREIRA BARROSO

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DO RÁDIO PICOENSE: O “CORRESPONDENTE DO INTERIOR” POR SEUS LOCUTORES

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí, como requisito para a obtenção do título de graduado em História.

Orientador: Ms. Naudiney Castro

Eu, **Lívia Moreira Barroso**, abaixo identificado (a) como autor (a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos - PI, 20 de abril de 2014.

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

B732e Barroso, Lívia Moreira.
Histórias e Memórias do Rádio Picoense: o
"Correspondente do Interior" por seus locutores / Lívia Moreira Barroso. –
2014.

CD-ROM: il. ; 4 ¾ pol. (44p.)

Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade
Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.

Orientador (A): Prof. Ms. Naudiney de Castro Gonçalves

1. Correspondente do Interior. 2. Rádio. 3. História e
Memória.

I. Título.

981.812 02



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos dezoito (18) dias do mês de março de 2014, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Livia Moreira Barroso** sob o título **HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DO RÁDIO PICOENSE: o "Correspondente do Interior" por seus locutores**

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Prof. Ms. Naudiney de Castro Gonçalves
Examinador 1 : Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos
Examinador 2: Prof. Ms. Jaqueline da Silva Torres
Suplente: Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro

Deliberou pela APROVAÇÃO do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 9,0.

Picos (PI), 18 de março de 2014

Orientador (a): Naudiney de Castro Gonçalves

Examinador (a) 1: Jaqueline da Silva Torres

Examinador (a) 2: Raimundo Nonato Lima dos Santos

Aos amantes do rádio.

“[...] mais acessível do que os livros, o bom rádio traz sua própria ‘biblioteca’, de especial valor para os que não podem ler – analfabetos, cegos, pessoas que por qualquer motivo não têm acesso à literatura em sua própria língua”.

Robert Mcleish

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por nunca ter me deixado desanimar.

Aos meus pais, João e Socorro, por o amor incondicional e por ter acreditado que a educação é o melhor caminho para minha vida.

Ao meu irmão, Leonardo, por sempre me apoiar mesmo que estando distante.

A minha irmã, Liliane, companheira da minha vida, por ter me suportado por todos esses anos que moramos juntas, e por ser tão compreensiva e amiga nos momentos mais difíceis da realização deste trabalho.

A minha avó Sofia, meu porto seguro. A meu avô Joaquim, exemplo de luta e dedicação. A vovó Catarina (*in memoriam*), e a vovô Francisco Barroso, a grande inspiração para a concretização deste trabalho. Agradeço também a todos meus tios e tias, primos e primas e a minha madrinha Evan que contribuíram para a minha formação.

Agradeço imensamente aos locutores que participaram desta pesquisa, por terem me recebido de braços abertos em suas casas. Vocês foram fundamentais para a concretização desta monografia.

Também agradeço de forma especial ao meu orientador, professor Naudiney, por ter acreditado em mim e por ter deixado que este trabalho fosse meu.

Aos demais professores do curso de História pelo conhecimento a mim repassado. Também, agradeço em especial, ao professor José Lins, que foi o meu orientador durante todo o curso e acima de tudo um grande amigo, que me deu conselhos fundamentais para esta monografia e para tudo que tenho feito no mundo acadêmico. Lins, sem você eu não seria uma historiadora!

Obrigada aos meus amigos da vida Rosa, Liara, Jaqueline, Kelsma e Ismael que sempre acreditaram em mim.

Agradeço imensamente as minha amigas de curso Vanessa, Aylla e Letícia, obrigada pela companhia e apoio nesses seis anos que passamos juntas e também separadas, mas sempre unidas pela força da amizade.

Obrigada também, a turma que me acolheu em 2013, em especial, Andréia, Claudina e Evandro.

Por fim, a todos os colegas do curso, foi muito bom passar esses anos na companhia de vocês.

RESUMO

A monografia busca escrever uma narrativa histórica sobre o primeiro programa de rádio cidade de Picos, o Correspondente do Interior, tendo como fonte os depoimentos dos seus principais locutores. O Correspondente do Interior foi ao ar pela primeira vez em 12 de julho de 1979, com locução de José Francisco de Barros (José Elpídio), antes mesmo da inauguração oficial da primeira emissora de rádio da cidade, a Difusora AM. O programa foi uma iniciativa do então senador Helvídeo Nunes de Barros, que percebeu a necessidade da instalação de uma rádio na região, uma vez que, devido a geografia picoense, a população não tinha contato com as informações do estado, pois, o sinal das emissoras de Teresina não alcançavam o território da região. Tendo em vista a importância do programa para o contexto histórico local, o trabalho tenta abordar como se deu a história do Correspondente durante o período de 1979-2000, por meio da memória de dois locutores, José Elpídio e Sebastião Luz. A metodologia do trabalho é a história oral e a base teórica está na História Social.

Palavras-chave: Correspondente do Interior. Locutores. Rádio. Memória.

ABSTRACT

The monograph seeks to write a narrative story about the first radio program Picos, the Correspondent of the Interior, whose source is the testimony of its main speakers. The Correspondent of the Interior was aired for the first time on 12 July 1979, with voiceover Francisco José de Barros (José Elpidio), even before the official inauguration of the first radio station in town, Difusora AM. The program was an initiative of then Senator Helvídeo Nunes de Barros, who realized the need to install a radio in the region, since, due to Pico geography, the population had no contact with the state information thus the signal of Teresina stations did not reach the territory of the region. Given the importance of the program to the local historical context, the work attempts to address how was the story of Correspondent during the period 1979-2000, through the memory of two speakers, and Sebastião José Elpidio Light. The methodology of work is oral history and theoretical background is in Social History.

Keywords: Correspondent of the Interior. Talkers. Radio. Memory.

LISTA DE APÊNDICE

Entrevista: José Francisco de Barros (José Elpídio)

Entrevista: Sebastião de Araújo Luz

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 METODOLOGIA.....	13
3 PANORAMA HISTÓRICO DO RÁDIO NO BRASIL E NO PIAUÍ.....	14
3.1 O rádio no Brasil: da instalação à digitalização.....	14
3.2 O rádio no Piauí.....	19
4CORRESPONDENTE DO INTERIOR, A VOZ DE QUEM FEZ: narrativas e histórias do rádio picoense.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
FONTES	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
APÊNDICE	

INTRODUÇÃO

O rádio foi durante décadas o veículo de comunicação de massa mais utilizado no Piauí. Caracterizado por ser de fácil acesso e por atingir lugares distantes, além de ser um meio de comunicação democrático, que não distingue seja por raça, sexo ou classe social, o meio de comunicação se entranhou na vida da população e tem até a atualidade uma importância significativa na construção da memória de muitas pessoas.

Nessa perspectiva, a história do rádio em Picos tem uma trajetória que se confunde com os acontecimentos que marcaram a vida cotidiana da população desde a instalação da primeira emissora no município, a rádio Difusora AM inaugurada oficialmente em 29 de julho de 1979.

Com a fundação da emissora veio à criação do primeiro programa radiofônico da região, o Correspondente do Interior, que foi ao ar em forma de teste antes mesmo da inauguração oficial da rádio, em 12 de julho do mesmo ano.

Observando esse cenário e sendo essa pesquisadora uma admiradora e ouvinte do Correspondente do Interior desde a infância, o programa que se mantém no ar há quase 35 anos é o objeto de estudo desse trabalho monográfico. Para a construção do texto, bebe-se na fonte da História Social e nos estudos da Teoria do Cotidiano, tendo como principal base os teóricos, Maurice Halbwachs e Peter Burke e outros autores que estudam o rádio no Brasil e no Piauí, com a tentativa de fazer um diálogo entre a história e comunicação.

Quanto a metodologia, a escolhida foi a História Oral tendo como base o livro *História Oral: memória, tempo, identidade* de Lucília de Almeida Neves Delgado, que deu suporte para o entendimento e análise das entrevistas coletadas com os antigos locutores do Correspondente, José Elpídio e Sebastião Luz, fontes primárias desse trabalho de conclusão de curso.

Partindo desse pressuposto, a monografia está dividida em dois capítulos. O primeiro intitulado de *Panorama histórico do rádio no Brasil e no Piauí* faz um percurso pelos principais acontecimentos da história do rádio no País e no Estado, focando os marcos como: a instalação da primeira emissora oficial no Rio de Janeiro nos anos de 1920, a criação da Rádio Educadora de Parnaíba na década de 1940 e abrange também alguns assuntos atuais como as emissoras comunitárias e o rádio digital, importantes para a história da radiodifusão recente.

O segundo e último capítulo trata da base teórica desse trabalho e também analisa o material empírico do mesmo. Intitulado de “*CORRESPONDENTE DO INTERIOR, A VOZ DE QUEM FEZ: memórias e histórias do rádio picoense*”, abordamos a trajetória do programa radiofônico durante o recorte temporal de 1979-2000 tendo como fonte os depoimentos dos principais locutores da época. Também nesse capítulo, fazemos uma relação das falas dos entrevistados com o conceito de memória.

Então, esse trabalho monográfico é tentativa de contribuição para história do rádio local, e também a história de quem fez o meio de comunicação em Picos. Espera-se que possamos despertar para o estudo desse que permaneceu por décadas sendo a base informativa da região, o programa Correspondente do Interior.

2 METODOLOGIA

Entende-se que a definição da metodologia é de fundamental importância para sistematizar todos os passos que vão guiar a pesquisa, uma vez que, é através dela, que se traça o quadro teórico do problema e desenvolve os métodos que irão orientar o processo de investigação. De acordo com Lopes (apud Santaella, 2003, p.129) a metodologia diz respeito aos “métodos efetivamente usados numa pesquisa”, ou seja, é “como um conjunto de decisões e opções particulares que são feitas ao longo de um processo de investigação”. No caso específico desse trabalho, a metodologia escolhida foi a história oral.

Trabalhar com a oralidade num campo onde os documentos escritos têm um respaldo gigante é apenas um dos desafios de quem se propõe a utilizar a história oral como procedimento metodológico para a escrita da história. Outra dificuldade está em definir o que venha a ser a história oral em si e acima de tudo como utilizá-la na construção dos trabalhos acadêmicos.

De acordo com Lucilia Delgado (2006), nenhum processo histórico da humanidade pode ser considerado oral. Para a autora, a história se constituiu nas inter-relações de fatos e acontecimentos, postos em ação individual e coletivamente. Nesse sentido, a história oral funciona apenas como um método de pesquisa e escrita, como afirma a autora:

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. *Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida*(DELGADO, 2006, p. 16 – grifos da autora).

Sendo assim, a história oral é um meio ou um caminho para se chegar à produção de um texto histórico, que faz um relacionamento entre o tempo passado e o tempo presente dos entrevistados, ou seja, é a produção de fontes e documentos, que permitem a interferência do historiador, o que para Delgado (2006) é um campo cheio de intersubjetividades.

Entendido do que se trata a história oral, no presente trabalho, o tipo de entrevista utilizada foi a entrevista temática, que consiste no relato de experiências vividas ou testemunhadas pelo os entrevistados, nesse caso, os locutores do Correspondente do Interior, José Elpídio e Sebastião Luz.

3 PANORAMA HISTÓRICO DO RÁDIO NO BRASIL E NO PIAUÍ

“O rádio é o jornal de quem não sabe ler, é o mestre de quem não pode ir à escola, é o divertimento gratuito do pobre [...]” (Roquette Pinto).

O rádio é um meio de comunicação que utiliza de ondas eletromagnéticas, com a finalidade de transmitir mensagens sonoras aos mais longínquos lugares e diferentes povos. Ferrareto (2001) destaca que, a tecnologia utilizada no rádio é a mesma da radiotelefonia, que consiste na transmissão de voz ou som sem o uso de fios. Tal tecnologia passou a ser usada a partir de 1916, quando David Sarnoff imaginou a possibilidade de cada residência ter um parêlo receptor.

O veículo de radiodifusão¹ sonora leva ao ar diversos programas de entretenimento, informativos e educativos. “Músicas, notícias, informações de utilidade pública, programas humorísticos, novelas, narrações de acontecimentos esportivos e sociais, entrevistas e cursos são gêneros básicos dos programas” (BARBOSA; RABAÇA, 1987, p. 491).

Entre todos os meios de comunicação, uma pesquisa realizada pela a Unesco² (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) aponta que mesmo com o surgimento de novos veículos de comunicação e com o avanço tecnológico, o rádio é o meio de comunicação de massa que atinge a maior parte da população mundial, cerca de 95% dos habitantes do planeta. Tal popularidade deve-se a longevidade do rádio e a diversos fatores que serão abordados no decorrer desse capítulo.

3. 1 O rádio no Brasil: da instalação à digitalização

O surgimento do rádio no Brasil é datado da década de 1920, um período em que a história do país foi marcada por uma série de grandes acontecimentos, tais como, a Semana de Arte Moderna e a fundação do Partido Comunista Brasileiro. Em 07 de setembro de 1922 aconteceu a primeira transmissão radiofônica oficial no País, com o discurso do então presidente da República Epitácio

¹Radiodifusão é a emissão de ondas eletromagnéticas, que pode compreender rádio, televisão e outros tipos de transmissão. Por isso, para se referir especificamente ao rádio, utilizamos a expressão radiodifusão sonora.

²Disponível em: <http://www.unesco.org/new/en/communication-and-information/resources/news-and-in-focus-articles/in-focus-articles/2013/world-radio-day/>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2013.

Pessoa, em evento comemorativo do Centenário da Independência na capital federal, o Rio de Janeiro. É importante destacar que, antes da primeira transmissão oficial, há relatos que o rádio brasileiro surgiu em 06 de abril de 1919, com a fundação da Rádio Clube de Pernambuco.

De acordo com Moreira (2000, p. 21), “para a maioria dos visitantes presentes à exposição, o discurso presidencial transmitido através dos alto-falantes estrategicamente posicionados (e ignorados até o momento da transmissão) foi uma surpresa”. A partir daquele momento surgia no Brasil um novo meio de comunicação que se tornaria com o tempo o mais popular e de maior alcance.

Mas, tal popularidade não foi alcançada nos primeiros anos de existência. A ausência de lojas no País, que disponibilizassem pares de rádio dificultou num primeiro momento a popularização, uma vez que, para se adquirir aparelhos receptores era necessário mandar buscar no exterior. Com o preço elevado dos aparelhos de rádio e com a indisponibilidade no mercado nacional, somente as pessoas com alto poder aquisitivo podiam usufruir do novo meio de comunicação.

Foi no ano de 1923, que ocorreu a instalação oficial da primeira emissora de rádio do País, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Roquette Pinto e Henry Morize, no dia 20 de abril. A programação da emissora era totalmente de cunho educativo e cultural.

No início, ouvia-se ópera, com discos emprestados pelos próprios ouvintes, recitais de poesia, concertos, palestras culturais etc., sempre uma programação muito “seleta”, apesar de Roquette Pinto estar convencido, desde o início, de que o rádio se transformaria num meio de comunicação de massa. E, devido a essa certeza e à vontade de divulgar a ciência pelas camadas populares, muitas iniciativas foram tomadas no sentido da implantação efetiva da radiodifusão no Brasil (ORTRIWANO, 1985, p.14).

O rádio na década de 1920 foi marcado, como mencionado anteriormente, por ter como principal característica uma programação com fins educativos e culturais. Na década seguinte, houve uma mudança significativa na programação radiofônica, e nesse momento, o rádio se tornou comercial. Para Ortriwano (1985, p.15), “a introdução de mensagens comerciais transfigura imediatamente o rádio: o que era ‘erudito’, ‘educativo’, ‘cultural’ passa a transformar-se em ‘popular’, voltado ao lazer e à diversão”.

Com aspecto mais popular, devido às transformações surgidas com a Revolução de 1930, período foi significativo para a história do Brasil no século XX, pois, além das transformações políticas, como por exemplo, o fim da República Velha, é importante destacar o processo de industrialização proposto pelo então Presidente da República, Getúlio

Vargas. Neste contexto, o rádio ganhou mais ouvintes e se mostrou como um grande veículo de comunicação ideal para a divulgação dos produtos que surgiram no mercado nacional.

A década de 1930 foi de extrema importância para definir os caminhos do rádio no País.

O rádio comercial e a popularização do veículo implicaram a criação de um elo entre o indivíduo e a coletividade, mostrando-se capaz não apenas de vender produtos e ditar 'modas', como também de mobilizar massas, levando-as a uma participação ativa na vida nacional (GOLDFEDER, 1980 apud ORTRIWANO, 1985, p.19).

A passagem do rádio da fase amadora para comercial, não foi instantânea, pois enfrentaram problemas tais como, os altos custos para a manutenção e o consumo do rádio, uma vez que, os aparelhos receptores eram muito caros. Outra dificuldade era a questão da não regulamentação para a divulgação de publicidades no veículo, que somente na década de 1940 com a entrada de multinacionais norte-americanas no território brasileiro a propaganda nas emissoras deslanchou.

Os anos de 1940 são considerados, até hoje, como “a época de ouro do rádio”. Nesse momento, o veículo ocupava cada vez mais lugar de destaque nos lares das famílias brasileiras. A programação se tornou mais variada com enfoque para programas de informação, musicais, de humor, radionovelas e os programas de auditório, onde os ouvintes estavam presentes nos estúdios da emissora.

Segundo Moreira (2000), o rádio comercial também influenciou a introdução do jornalismo radiofônico no País. Em 1941, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro transmitiu pela primeira vez o *Repórter Esso*, um programa informativo que inovou o padrão dos jornais no rádio brasileiro.

Além da influência do rádio comercial, é com o início da Segunda Guerra Mundial, que cresceu a importância do radiojornalismo no Brasil. “No espírito de aproximação brasileira com os Estados Unidos, irrompe nos receptores o *Repórter Esso*, identificado por uma característica musical e textos de abertura que ficaram na memória de milhares de ouvintes em todo o país” (FERRARETTO, 2001, p. 127).

Com o surgimento do *Repórter Esso*, em 1941, o jornalismo no rádio começa a ter características próprias, desenvolve linguagem específica e as notícias não mais copiadas dos jornais impressos. Nesse momento, o principal fornecedor de informações são as agências de notícias. Ferrareto (2001, p. 127) destaca que, “[...] a maior contribuição do *Esso* foi à

introdução no Brasil de um modelo de texto linear, direto, corrido e sem adjetivações, apresentando um noticiário ágil e estruturado”, uma fórmula trazida dos Estados Unidos.

Ainda na década de 40 do século passado, outro marco importante para a história do rádio foi à criação da Associação Brasileira de Rádio (ABR) em 1944, que objetiva “a defesa, a orientação e a união de todos os que trabalhassem no rádio e para o rádio”. Para Moreira (2000), através dessa organização, foi possível o estabelecimento do Código Brasileiro de Radiodifusão.

Com a popularização do rádio, a disputa pela audiência entre as emissoras ficou cada vez mais explícita, assim, as emissoras criaram outros programas, como os de auditório e programas especializados, um exemplo, é o caso da rádio Pan de 1947, especialista em esportes. (HARTMANN; MUELLER, 1998).

Depois da “época de ouro”, o rádio entra em um período de transição devido à chegada da televisão. Nesse momento o rádio passou por uma reformulação na sua estrutura para atrair anunciantes e se manter atuante no mercado da comunicação. Mesmo com o aparecimento da televisão, o rádio desenvolveu estratégias para permanecer nos lares das famílias brasileiras. Uma dessas estratégias para reconquistar o seu público, foi a utilização do transistor, assim, este aparelho eletrônico que foi apresentado ao mundo em 1947, possibilitou para o rádio, uma produção mais barata, além de uma comunicação noticiosa e ágil. A partir do uso do transistor e de outros aparatos tecnológicos, foi possível escutar rádio a qualquer hora e em qualquer lugar, pois, não havia mais necessidade de estar com o aparelho ligado na tomada.

Uma das estratégias desenvolvidas pelo rádio para enfrentar a concorrência com a televisão foi focar a programação para o jornalismo, as músicas e acima de tudo para a prestação de serviço, que vem até hoje sendo uma das principais características de veículo. Para Moreira (2000), existe no rádio um ponto que a televisão não conseguiu superar, trata-se da agilidade de transmissão dos fatos, que pode ser feito de qualquer lugar.

Nesse momento, o País vive a década de 1950, um momento histórico de grandes avanços nos campos econômico e tecnológico, com os incentivos dados pelo o Governo de Juscelino Kubitschek para a entrada de empresas e produtos estrangeiros no Brasil. Junto com toda essa onda de produtos “modernos” vieram aparelhos de rádio cada vez menores e portáteis. A programação era marcada pelo jornalismo e, sobretudo pelos musicais, que ocupam a grade do rádio em quase que em sua totalidade, trazendo para o conhecimento do público estilos e artistas de fora do Brasil, nesse contexto o rock vai chegando de mansinho e lança no Brasil artistas como: Elvis Presley, The Killer e outros, que influenciaram na

produção musical do nacional. Outro destaque na produção desse período foi à esportiva, que em 1956 já era a segunda consumidora do tempo da programação.

A década de 1960 foi de suma importância para a história do rádio. É nesse período que surgiu o rádio FM, que tem uma qualidade de som melhor do que o AM, porém o alcance é mais limitado, devido a sua transmissão ser em ondas curtas. Outra característica do FM é quanto a sua programação, que durante muito tempo estava focada basicamente na emissão de músicas. Mas, é somente em meados da década seguinte, que o rádio FM ganha características popularescas, principalmente, por fazer uma programação segmentada, focando especificamente do público jovem.

Outro processo importante do rádio FM, foi que se chama de “aemização” do FM, que o foi à implementação de programas jornalísticos característicos do AM. O FM teve suas atenções voltadas para a prática de um jornalismo próprio, que se caracterizava pela cobertura de grandes fatos nacionais e internacionais. Foi implantado no Brasil o modelo americano *allnews*, que trazia para o ouvinte uma programação com 24 horas de notícias por dia. A primeira emissora que utilizou esse modelo foi a Rádio Jornal do Brasil AM do Rio de Janeiro. Outro exemplo é a Rádio Jovem Pan de São Paulo, que as transmissões eram voltadas para a transmissão de notícias locais.

Com a Constituição Federal de 1988, uma nova modalidade de rádio é introduzida no cenário nacional, a rádio comunitária, que mais tarde, em 1998, “foi reconhecida pelo governo federal de uma atividade que, na prática, já existia em várias cidades brasileiras.” (MOREIRA, 2000, p. 69)

Segundo o Ministério das Comunicações³ as emissoras consideradas comunitárias têm as seguintes características:

Rádio Comunitária é um tipo especial de emissora de rádio FM, de alcance limitado a, no máximo, 1 km a partir de sua antena transmissora, criada para proporcionar informação, cultura, entretenimento e lazer a pequenas comunidades. Trata-se de uma pequena estação de rádio, que dará condições à comunidade de ter um canal de comunicação inteiramente dedicado a ela, abrindo oportunidade para divulgação de suas ideias, manifestações culturais, tradições e hábitos sociais. A Rádio Comunitária deve divulgar a cultura, o convívio social e eventos locais; noticiar os acontecimentos comunitários e de utilidade pública; promover atividades educacionais e outras para a melhoria das condições de vida da população. Uma Rádio Comunitária não pode ter fins lucrativos nem vínculos de qualquer tipo, tais como partidos políticos e instituições religiosas.

³Disponível em www.mc.gov.br/radio-comunitaria.

Com um elevado número de emissoras de rádio, a opção para se manter atuante no mercado da comunicação foi a regionalização e por que não, a segmentação. Cada vez mais os programas radiofônicos passaram a ser destinados para públicos específicos. A ideia de emissoras nacionais vem sendo limitada, atualmente o local predomina dentro deste veículo.

O grande destaque dos anos 1990 foi o lançamento em 1991 da Rádio CBN (Central Brasileira de Notícia), emissora ligada ao Sistema Globo de Rádio. A programação da emissora é de notícias, tendo a rádio o slogan, “CBN a rádio que toca notícias”. A CBN foi um dos primeiros exemplos de rádio segmentada, pois, a programação era específica para os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e a capital Brasília.

Na segunda metade dos anos de 1990 até os dias atuais, uma discussão vem predominando entre os pesquisadores de rádio. Tal discussão diz respeito à digitalização do veículo e o rádio via internet, ou seja, o veículo vem cada vez mais sendo adepto das novas tecnologias, tanto para se modernizar no sentido de aparatos tecnológicos, que permitem o melhoramento das transmissões, como também para conquistar ouvintes que passaram a escutar a programação online.

Uma inovação que o webrádio traz, são os conteúdos exclusivos para o “webouvinte” ou “ouvinternauta”⁴. Além dos conteúdos exclusivos, outra possibilidade oferecida pelo rádio na internet é a de escutar os programas no horário que você desejar, já que existem ferramentas que permitem a gravação e o arquivamento da programação.

Não é mais preciso esperar o programa favorito ter início; as informações podem ser obtidas a qualquer momento. Os *podcasts* oferecem a praticidade da mobilidade, pois podem ser ouvidos na *web*, mas também apresentam a possibilidade de serem baixados para aparelhos móveis como MP3, MP4, celular, *smartphone*, *tablet*, etc (NEUBERGER, 2012, p. 128-129).

3.2 O rádio no Piauí

Nas primeiras décadas do século XX, o estado Piauí, inclusive a capital Teresina passavam por um processo de crescimento lento e sossegado. A capital era calma e vivia com hábitos de cidade do interior, com uma pequena população e hábitos provincianos. Para Solon

⁴Termo criado por Magali Prado para definir os ouvintes do rádio na internet.

(2006, p.167), foi por volta dos anos de 1935, que os primeiros indícios do fim da calmaria da cidade apareceram, esta estava “ameaçada pelo processo de modernização”.

Juntamente com a modernização, o comércio de Teresina foi se desenvolvendo. E como estratégia para a divulgação dos produtos, veio à necessidade de investir em propaganda, nesse momento teve início à radiodifusão no Piauí, que começou com o serviço de alto-falantes no centro comercial da capital. Nesse momento, a loja “Casas Pernambucanas” foi a primeira a instalar esse meio de comunicação, objetivando a divulgação dos produtos e promoções do estabelecimento comercial, localizado no entorno da Praça Rio Branco, no centro da cidade. O som do alto-falante da loja ficava somente no entorno do estabelecimento, não tendo um grande alcance.

As propagandas da loja eram transmitidas apenas durante o dia, e no período da noite a amplificadora colocava no ar uma programação musical, atraindo a população para o local, isso fazia da Praça um dos ambientes de socialização da cidade naquele período. Além da diversão proporcionada pelas as músicas, às pessoas também se deslocavam até o logradouro⁵ para se informar sobre os acontecimentos do Brasil e do mundo.

O grande acontecimento do final da década de 1930 era a II Guerra Mundial. A população brasileira se informava dos acontecimentos do conflito armado por meio das notícias transmitidas pelas ondas do rádio. Porém, nesse período por não existir uma emissora de rádio, a população teresinense fazia da Praça Rio Branco um ambiente de troca de informações, aonde iam “se inteirar de notícias sobre a guerra, política e outros assuntos através das rodas de conversa, leitura de jornais – de periodicidade semanal - e dos serviços de alto-falantes existentes na cidade” (SOLON, 2006, p. 168).

Além da demora da instalação da primeira emissora de rádio no Estado, a grande maioria da população não tinha condições financeiras para adquirir um aparelho receptor, como mostrava o censo do IBGE, “[...] das 179.143 unidades prediais e domiciliárias piauienses de 1940, apenas 878 possuíam rádio” (IBGE, 1952, p. 171 apud SOLON, 2006, p. 169). Então a solução foi espalhar alto-falantes por vários ambientes da capital.

[...] os sons também chegavam a outras praças e ruas do centro de Teresina, através de cornetas e bocas de alto-falantes instalados no topo de postes, galhos de árvores e fachadas de casas comerciais. Tal aparelhagem era ligada por fios em um módulo amplificados operado em pequenos estúdios localizados no centro de Teresina. Ao amplificador também era conectado um fonógrafo e microfone [...] (SOLON, 2006, p.169).

⁵Refere-se a qualquer espaço público de conhecimento de uma administração municipal: praças, ruas, avenidas, etc.

Com a popularização das amplificadoras em Teresina, os ambientes que eram alcançados pelo som dos alto-falantes se tornaram também espaço de lazer da população. A Praça Pedro II era um dos pontos de encontro principalmente da juventude, que ia para conversar, encontrar os amigos e para paquerar. Os rapazes faziam pedidos musicais e enviam recados românticos para as moças, através dos locutores das amplificadoras que cobravam pelo serviço.

O serviço de amplificadoras em Teresina ainda perdurou por muitos anos, até o surgimento de uma emissora de rádio na capital. Mas, foi em 1937, que “a primeira emissora de rádio cortou os ares piauienses de forma clandestina [...]” (NASCIMENTO, 2003, p. 4). Por não estar legalmente registrada, a Rádio Educadora de Parnaíba foi fechada ainda naquele ano, no dia 9 de julho. Sendo reaberta apenas em 17 de abril de 1940 de forma experimental.

No ano de 1938 entra em funcionamento a Rádio Amplificadora Teresinense, que tinha uma característica diferente das demais amplificadoras, sendo a primeira a ser considerada comercial. Por não pertencer a nenhum comerciante, tinha como fonte de manutenção os anúncios publicitários de estabelecimentos comerciais e também cobrava por pedidos musicais e envio de dedicatórias.

No tocante ao funcionamento das amplificadoras, Carlos Said⁶, que trabalhou na Rádio Amplificadora de Teresina, relata que essas poderiam ser comparadas com as emissoras de rádio, tendo um espaço próprio, com aparelhagem, locutores, um escritório para a publicidade e propaganda e uma programação diária. Além da Rádio Amplificadora de Teresina, outras também tiveram destaque na capital piauiense. Entre elas a Amplificadora Cultura, de propriedade da Arquidiocese.

Porém, mesmo com todo o serviço prestado pelas amplificadoras em Teresina, a necessidade da criação de uma emissora de rádio na capital era muito desejada. Foi através do interventor federal no Estado, Leônidas Melo, que se sentia incomodado, por o Piauí ser um dos poucos estados brasileiros a não contar com um sistema de radiodifusão. No ano de 1940,

O Diário Oficial informa que uma comissão constituída por personalidades do comércio local manteve entendimento com o interventor federal no sentido de obter apoio para a criação de uma sociedade que deveria explorar a radiodifusão. O articulista defende a ideia porque acredita que “...vai aumentar o índice de progresso, em particular em Teresina, e em geral, de todo o Piauí que não pode ficar em plano inferior aos seus co - irmãos, nesta

⁶Depoimento concedido a Daniel Sólton. Teresina, 04 de janeiro de 2005.

fase de completa evolução”¹⁰. Esse projeto não se concretizou (NASCIMENTO, 2003, p. 4).

Esse primeiro projeto, que não foi concretizado, era para a fundação da Sociedade Rádio Clube do Piauí. Porém, os anseios para o lançamento de uma emissora no Estado não se limitavam a capital Teresina. Tanto que, as primeiras ondas sonoras a entrarem no ar no Piauí foram as da Rádio Educadora de Parnaíba, sendo em 3 de maio de 1940 a data oficial da sua fundação, 18 anos depois da implantação da primeira emissora de rádio no Brasil.

Na Capital, depois da tentativa fracassada do interventor do Estado, Leônidas Melo, foi instalada em 1946, a Rádio Difusora de Teresina (RDT), que só foi ao ar em 18 de julho de 1948, sendo essa a primeira emissora oficial da capital.

A Rádio Difusora começou operando em ondas largas, mas em 1949, passou a operar em ondas curtas. A emissora nasceu por uma sociedade por cotas da qual participaram Cláudio Pacheco Brasil, Sigefredo Pacheco e Alzira Torres Sampaio, família de grande prestígio, principalmente na região de Campo Maior. A emissora era ouvida na frequência 1.370 Kc/s e na potência 1KW. Nos primeiros anos da década de 1940, a Difusora de Teresina foi adquirida pelo grupo “Diários Associados”, de Assis Chateaubriand (CARVALHO; MELO; REGO, 2012, p. 14).

A Rádio Difusora de Teresina usa o prefixo ZYQ-3, a qual a apresentava para seus ouvintes uma programação bastante variada, que era intercalada com música, jornalismo e programas que falavam sobre os problemas da sociedade local. O noticiário teve muito destaque na emissora, sendo o *Grande Jornal Q/3* um dos principais ganchos de sustentabilidade da rádio. Mesmo tendo uma programação diversificada e com uma aparelhagem mais eficiente que as das amplificadoras, a RDT não tinha o mesmo potencial de outras emissoras de rádio do Nordeste e do País. Segundo Nilsângela Lima, a rádio foi duramente criticada por alguns jornais impressos da capital, que cobravam uma programação parecida ou igual as que eram veiculadas pelas emissoras do centro-sul do Brasil.

Tem se afirmado que essa fase de “apatia” vivida pela RDT durante os primeiros anos em que estreava no ar teresinense foi modificada com a chegada do radialista José Eduardo Pereira, o qual assumiu o cargo de Diretor Gerente e, dada a experiência que adquiriu trabalhando na Rádio Tabajara da Paraíba e Tamandaré de Recife, montou um novo quadro de programação na emissora, atribuindo-lhe uma fisionomia radiofônica e reavivando a importância da RDT para a sociedade teresinense (LIMA, 2006, p. 140-141).

A partir do momento em que se consolidou em Teresina, a Rádio Difusora foi considerada um meio de comunicação de massa, e passou a fazer parte do cotidiano e principalmente era uma forma de lazer da população. Nesse sentido, a programação rádio oferecia diversas opções, tais como: as radionovelas, os programas de auditório e os informativos.

As radionovelas foram uma preferência nacional durante os anos de 1940. O Piauí acompanhou o cenário nacional através da transmissão desse tipo de programa radiofônico pelas ondas da RDT. As novelas que iam ao ar pela emissora, eram compradas de rádios do centro-sul do país ou da Ceará Rádio Clube e da Rádio Clube de Pernambuco. “Algumas foram produzidas por artistas piauienses, sendo novelas de curta duração e interpretadas pelos elementos principais do ‘cast’ da ZYQ-3 e por pessoas de destaque da sociedade teresinense [...]” (LIMA, 2006, p. 143).

Outro destaque da RDT foram os diversos programas de auditório. Em suas instalações possuía um pequeno auditório com apenas 25 cadeiras. Mas, mesmo com o espaço limitado, os programas contavam com participação popular, sendo estes, os maiores acontecimentos de Teresina, que não época não contava com um teatro regular e o cinema era muito caro não chegando a população mais pobre.

Durante a década de 40 do século XX, o Piauí tinha apenas duas emissoras de rádio, a Rádio Educadora de Parnaíba e a Rádio Difusora de Teresina. Na década seguinte, foi instalada em 19 de outubro de 1957 a primeira emissora do sul do Estado, a Rádio Difusora de Floriano (RDF). Assim como as outras emissoras piauienses, a RDF priorizava os programas jornalísticos. As notícias que iam ao ar na emissora eram obtidas através do sistema de rádio escuta e também nos jornais impressos da Capital, o que era uma dificuldade para a equipe de jornalismo, já que Floriano fica a uma distância de 240 km de Teresina, local onde eram impresso os periódicos. Além das notícias do País e do Estado, havia na programação um tempo dedicada aos acontecimentos locais e para a prefeitura do município e das cidades vizinhas.

Na década de 1960, a radiodifusão no Piauí alcançou o auge. No primeiro ano do decênio surgiu a Sociedade Rádio Clube de Teresina, a emissora era ligada a um grupo político, que objetivava difundir seus ideais através do rádio, e em seguida a emissora foi comprada por Valter Alencar, uma figura bastante representativa da época.

Objetivando crescer cada vez mais, a Rádio Clube investiu em transmissões radiofônicas externas que envolviam acontecimentos de grande relevância, bem como eventos que serviam para promover o encontro de parcelas da

sociedade local, como as festas realizadas no Clube dos Diários. Entre os seus projetos que marcaram a memória da sociedade da época, destaca-se a vinda de cantores de sucesso para Teresina tais como: Erasmo Carlos e Jair Rodrigues e, conseqüentemente, a realização de shows populares nos bairros, bailes ou em praças públicas, além de festivais de músicas em parcerias com rádios do Sul do país (ANDRADE; NASCIMENTO; PEREIRA, 2003, p. 2).

A partir desse período, teve início em Teresina, a disputa pela audiência nas emissoras, no começo entre a Rádio Difusora e a Rádio Clube, e posteriormente, entrou também nesse cenário a Rádio Pioneira. A última rádio citada entrou no ar em setembro de 1962 e era fazia parte da RENECA (Rede Nacional de Emissoras Católicas), sob a responsabilidade da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A criação da Rádio Pioneira estava ligada a necessidade de difusão do Movimento de Educação de Base⁷ (MEB), pelo o então bispo de Teresina, Dom Avelar Brandão Vilela. A emissora teve uma grande aceitação da população, pois, tinha uma programação bem variada, com programas de entretenimento, noticiosos e religiosos.

A Rádio Antares AM, outra emissora de destaque na história do rádio piauiense, foi fundada em outubro de 1988, em Teresina. É uma rádio estatal, criada no governo de Alberto Silva. Por atender as demandas do Estado, a emissora sofreu durante sua existência inúmeras mudanças, uma vez que, a cada novo mandato governamental, a Rádio Antares AM tinha sua estrutura e administração alteradas. No ano de 2003, no governo de Wellington Dias, por determinação da justiça, a emissora foi fechada para passar por uma nova reestruturação, sendo reaberta no ano seguinte com padrões que permanece até os dias atuais, com uma programação focada em informações sobre o Estado.

Enquanto que na Capital a radiodifusão já estava consolidada em meados dos anos de 1970. No interior do Estado, a instalação de emissoras de rádio nesse período ainda andava em passos lentos. Por exemplo, na cidade de Picos, o terceiro maior município do Piauí, só vai ter uma emissora em 1979, a Rádio Difusora AM, inaugurada em 12 de julho do referido

⁷ “O Movimento de Educação de Base era um programa educacional de caráter laico-religioso que visava a promoção, desenvolvimento e integração da população brasileira, principalmente, das regiões menos desenvolvidas – Norte, Nordeste e Centro-Oeste – do Brasil, além de conter a disseminação do comunismo na zona rural. O instrumento utilizado para conseguir estes objetivos seria a *educação de base*, que se define por dá condições ao homem do campo de se desenvolver como pessoa e em comunidade ao despertar sua consciência para os problemas sociais da localidade em que está inserido através do conhecimento. Este projeto envolvia leigos e clérigo de todo o país e foi um reflexo do trabalho da Diocese de Natal dos anos finais de 1950 e início de 60, que desenvolvia, por intermédio do SAR (Serviço de Assistência Rural), programas educativos voltados para a população do campo, alfabetizando-as e dando-lhes noções de política e sindicalização rural. Foi resultado disso, uma ação pioneira que utilizava as ondas do rádio para educar as pessoas” (ANDRADE; NASCIMENTO; PEREIRA, 2003, p. 2).

ano, com a transmissão do programa “Correspondente do Interior”⁸, que permanece no ar até a atualidade, conservando o mesmo formato do programa. Outra emissora importante do interior piauiense é a Rádio Primeira Capital, fundada na cidade Oeiras⁹, em 7 de setembro de 1984.

Nos anos seguintes, a predominância no rádio piauiense é das emissoras FM. No decorrer, sobretudo dos anos de 1990 e 2000, foram inauguradas inúmeras rádios FM, e a justificativa para esse fato, é por ter as FM um custo menor de instalação e também devido a programação ser mais musical e menos informativa, tem sido mais fácil a sobrevivência junto a concorrência dos demais meios de comunicação. Porém, é importante destacar, que mesmo com um maior número de rádio FM, as AM ainda permanecem fortes no cenário radiofônico piauiense.

⁸Por ser o objeto de estudo dessa monografia, trataremos posteriormente mais aprofundado a respeito do Correspondente do Interior e Rádio Difusora AM de Picos.

⁹Foi a primeira capital do Piauí, até 1851, quando a sede política e econômica da Província foi transferida para Teresina, atual capital.

4 CORRESPONDENTE DO INTERIOR, A VOZ DE QUEM FEZ: memórias e histórias do rádio picoense

Perceber o contexto dos meios de comunicação no Brasil é uma temática que vem sendo desenvolvida há alguns anos, seja no entendimento da produção midiática ou na modernização dos meios e formas de comunicar. Porém, no que se refere a escrita da história da imprensa nacional, os trabalhos ainda deixam a desejar, pois, como afirma Goulart e Herschmann (2008, p. 14):

[...] a Comunicação no Brasil sofre do que poderíamos chamar de “presentismo”. A maioria das pesquisas realizadas no país privilegia aspectos e problemas relacionados à contemporaneidade: estudos sobre pós-modernidade, globalização, novas tecnologias, etc. a análise histórica da Comunicação, ou dos meios de comunicação, ainda é relegada a um segundo plano.

Partindo dessa assertiva, entende-se que há a necessidade de escrever a história dos meios de comunicação que fizeram e fazem parte do cotidiano da população. Nesse sentido, esse capítulo aborda a história do programa mais antigo da cidade de Picos, o Correspondente do Interior, posto no ar pela primeira vez em 12 de julho de 1979, se mantendo diariamente na vida dos ouvintes há quase 35 anos. Porém, o recorte temporal desse trabalho são os anos de 1979 a 2000.

Lembrar é um ato individual, porém as lembranças estão diretamente relacionadas ao grupo social ao qual estamos inseridos. Nesse sentido, quando pertencemos a um determinado grupo social, as nossas atitudes coletivas são pensadas individualmente, ou seja, quando estamos em contato com um determinado grupo, a identificação com ele é imediata, e em decorrência disso, é comum confundir nosso passado com o do grupo (HALBWACHS, 2006).

Para o desenvolvimento desse trabalho monográfico, interessa-nos abordar os personagens que fizeram o rádio picoense entre os anos de 1970 e 2000, tendo como foco, o programa Correspondente do Interior, observando como narram suas histórias individuais enquanto comunicadores de rádio. “[A memória] guarda os momentos mediante a razão narrativa, presente nos sujeitos através da linguagem. Esta expressa, na razão narrativa, instrumento de poder, ausência e sedução” (GROSSI e FERREIRA, 2001, p. 39).

Como o programa em estudo não tem um arquivo contendo, por exemplo: pautas, gravações, recados, etc. A opção para a narrativa foi através das memórias dos seus dois

principais locutores, José Francisco de Barros (José Elpídio) e Sebastião Luz, que atuaram no programa por mais tempo, sendo estes “as vozes” do Correspondente. Sendo assim, através da memória desses locutores, foi possível fazer uma narrativa desse que é considerado um marco na história do rádio e da cidade de Picos. Como exemplo, temos uma dessas experiências contada por um dos protagonistas do rádio picoense.

Minha relação com o rádio está no DNA, é genético, meu pai sempre foi ouvinte, então já nasci ouvindo rádio. Meu primeiro contato com rádio foi numa rádio comunitária AM em Picos. Eu tinha poucos anos de vida, de 4 a 5 anos. E foi instalada a rádio lá no sertão, meu pai tinha um rádio de mesa e eu subia na mesa e ficava ouvindo. Ouvia as músicas, então a partir daí fui despertando para o rádio como ouvinte. Como nossa região e todo o Brasil é bastante influenciado pela difusão da cultura através do Rio de Janeiro, eu ouvia muito a rádio **Globo**, as de São Paulo também [...]. Nos anos 1970, me recordo bem, que a influência maior mesmo foi uma das rádios de Salvador-BA. Elas tinham uma boa penetração na região de Picos-PI, a rádio **Ecélsio** da Bahia, a **Sociedade**, a **Cultura** era melhor que a **Pioneira** de Teresina-PI. A **Difusora** quase não se adaptava aqui, porque Picos-PI dada a sua geografia, a dificuldade de sintonia de rádio AM, principalmente rádios de ondas médias, curtas e tropicais, tem uma certa dificuldade de sintonizar. Mas as rádios de Salvador-BA, dessa faixa leste, do litoral, de Recife, Sergipe, Aracaju, penetram melhor, então eu acho que fui mais influenciado talvez pela rádio **Cultura** da Bahia¹⁰ (LUZ, 2014 – grifos nossos).

Ao contar a sua experiência com o rádio ainda da infância, é notável a influência das emissoras de outros estados. Como menciona o entrevistado, devido a localização geográfica de Picos, num primeiro momento ainda em meados dos anos de 1970, o que se ouvia na região eram emissoras de fora do Piauí, o que foi determinante para a sua formação de radialista, uma vez que, segundo Luz (2014), “Ficava ouvindo a Cultura (Bahia) durante o dia e a noite ouvia a rádio Sociedade (Rio de Janeiro) que tinha uma qualidade muito boa, e daí me apaixonei pelo rádio [...]aos 15 anos já fui trabalhar no rádio.” José Elpídio (2014) também conta que no primeiro momento, ele não tinha experiência com o rádio, já que não existiam emissoras na região e as que tinham em Teresina e Parnaíba não chegava o sinal a Picos.

Devido a tudo isso, a criação de uma emissora de rádio em Picos era de extrema necessidade. Então, por iniciativa do senador Helvídeo Nunes de Barros foi conseguido o sinal da para a fundação de uma emissora na cidade. José Elpídio¹¹ relatou que inicialmente

¹⁰LUZ, Sebastião Araújo. **Entrevista concedida a Livia Moreira Barroso**. Picos, 2014.

¹¹O nome do entrevistado é José Francisco de Barros, mas durante o trabalho utilizamos José Elpídio, pois, foi uma solicitação do mesmo, segundo ele foi como ficou e é conhecido no rádio picoense.

não existiam profissionais, capacitados para a locução, e também não tinha uma programação montada para a inauguração da rádio.

Em meados do mês de junho de 1979, o senador Helvídeo Nunes convocou José Elpídio, Erivan Lima, Jota Leitão e Geraldo Pereira para uma reunião. Nesse encontro, o senador fez a proposta de emprego na emissora para os quatro. José Elpídio conta que estranhou o convite, uma vez que, ele não possuía experiência, diferentemente dos demais (Erivan Lima era responsável pela comunicação MIC¹² e Jota Leitão tinha alto-falantes pela cidade).

Não tinha praticamente nenhum acesso ao rádio, porque não existia emissora na região, tinha emissora só em Teresina e nas cidades próximas de Petrolina, Crato. Então não tinha nenhuma experiência em termo de rádio. Foi quando surgiu a Difusora de Picos, e o Senador Helvídeo Nunes que acompanhava sempre as programações da Igreja, ao qual eu era funcionário da diocese, dirigindo as programações, sempre a frente da direção das missas. Então, o senador Helvídeo Nunes como éramos amigos, passou a perceber, porque fazia tempo que eu vinha pedindo emprego, quando ele foi instalar a rádio difusora pensou logo quem seria os locutores, e passou a verificar a mim e ao Erivan Lima [...] Na verdade é que vendo essa capacidade de voz, a dicção de voz, chamou atenção do senador e ele me falou: “Zé Elpídio, eu tenho uma oportunidade pra você”. Na época eu trabalhava com o Bispo, e ele me convidou pra fazer parte do elenco da rádio Difusora e não aceitei o desafio no momento por duas razões: primeiro porque me sentia incapaz, não tinha nenhuma experiência, ao menos em termo de rádio e segundo porque trabalhava com o Bispo e me dava muito bem, não queria deixar o trabalho.¹³ (JOSÉ ELPÍDIO, 2014).

Com a equipe mencionada acima, juntamente com o senador Helvídeo Nunes, as reuniões foram uma constante durante o decorrer de junho e início de julho daquele ano. O objetivo era montar uma programação que contemplasse o público da região, sendo que, nesse período mais da metade da população do município de Picos vivia na zona rural.

Aceitamos o desafio e passamos a nos reunir: eu, Erivan, Senador Helvídeo, Geraldo. O senador colocou que queria um programa que desse os recados, utilidade pública, convite festas, doenças, quem chegou ao hospital, quem viajou quem chegou, etc. Então, falou que queria que fosse feito por mim. Colocou-me pra escolher o nome do programa, os horários mais adequados, eram dois horários e escolhi o de 11 horas da manhã, porque era a hora que as pessoas estariam chegando do trabalho, tanto na cidade como na zona rural, iria atingir melhor, porque na época os telefones eram poucos nas

¹²Movimento de Integração Cristã.

¹³BARROS, José Francisco. **Entrevista concedida a Livia Moreira Barroso**. Francisco Santos, 2014.

idades pequenas. Como era uma rádio de ondas médias atingia longe o sinal (JOSÉ ELPÍDIO, 2014).

Definida a equipe e prestes a inauguração, José Elpídio conta que outro desafio foi escolher o nome do programa, que tinha que ser impactante e envolver o objetivo dele, de levar recados principalmente à população rural, que não tinha contato com outros meios de comunicação, como o telefone, por exemplo. “Então deu tudo certo! Eu escolhi o nome Correspondente do Interior, característica do programa que ainda hoje existe, o fundo musical¹⁴ foi aquele mesmo”, afirma o entrevistado.

A primeira emissão do Correspondente foi ao ar em 12 de julho de 1979. A rádio Difusora só seria inaugurada alguns dias depois em 29 do mesmo mês. Os primeiros programas foram veiculados em forma de teste, tanto do equipamento da rádio, como para verificar se o formato do programa estava dando certo junto ao público ouvinte. José Elpídio lembra, que inicialmente os avisos foram elaborados por ele e o senador Helvídeo Nunes, que comunicavam a data de inauguração da emissora.

Comecei o primeiro programa com três avisos, falava um e passava uma música, isso pela manhã. A tarde chegou mais avisos. No dia seguinte já tinha dez avisos. Foi aumentando a cada dia, ao ponto que com 22 dias de programa falei pro Senador que não dava pra apresentar sozinho os avisos. O programa tomou uma dimensão muito grande, não esperávamos aquilo, fiquei bastante tenso nos primeiros dias (JOSÉ ELPÍDIO, 2014).

O entrevistado recorda, que quando chegou o dia da inauguração oficial da emissora, existiam filas de pessoas vindas de várias comunidades para enviar recados, e que foi com esse contato com o público que o Correspondente foi tomando forma e característica própria. Briggs e Burke (2006) apontam que as estratégias dos comunicadores são fundamentais para o relacionamento do contexto social que estão inseridos, assim como as mensagens que transmitem. Pensando os autores (2006), no contexto social do Correspondente do Interior, é perceptível o efeito causado na sociedade da época com o surgimento tanto do programa, quando da emissora de rádio.

Com a inauguração oficial da Difusora AM, José Elpídio passou a ser o locutor do Correspondente do Interior nos dois horários (11:00 h e 17:30 h) que o programa ia ao ar diariamente, durante de 1979 a 1983, retornando posteriormente em 1986. Durante os anos de locução, ele afirma que o seu trabalho ganhou dimensões nunca imaginadas. “Teve uma repercussão muito grande não só no Piauí, mas no Ceará e no Pernambuco, nas cidades mais próximas, passava vários avisos pra lá, Tauá, Parambú, Campos Sales [...]”.

¹⁴A música de abertura do Correspondente do Interior é uma melodia do sanfoneiro Noca do Acordeom. Foi escolhida por José Elpídio e é a mesma desde 1979.

Outro locutor importante para a trajetória do Correspondente foi Sebastião Luz, popularmente conhecido como Tião Luz. O radialista foi o que passou mais tempo na locução do programa, 16 anos (1986-2001). Sebastião Luz recorda que iniciou a sua vida de radialista na rádio Difusora AM, sendo esta fundamental para sua formação profissional. Ele assumiu o Correspondente no ano de 1986 com o objetivo de ser firmar na locução, já que desde a saída de José Elpídio em 1983 o programa foi apresentado por diversas pessoas, o que resultou em uma crise de identidade junto ao público. Para o entrevistado, mesmo com descaracterização do Correspondente nos dois anos que passou sem locutor fixo, o programa tinha uma credibilidade muito grande na região. Sebastião Luz (2014) afirma que:

Diria que [o Correspondente do Interior] foi uma fase de ouro do rádio picoense. Porque o Correspondente está para aquele período como o Facebook hoje está para as redes sociais. O Correspondente era um provedor de rede social, criou uma grande rede social. As pessoas conseguiam se relacionar via correspondente do interior. Fosse anunciando o nascimento de uma criança, fosse óbito de uma pessoa no hospital ou em casa. Então, do nascimento à morte as pessoas estavam dentro do Correspondente, ao qual ocorre hoje no Facebook. Pois, era uma fase que a região de Picos tinha os avisos do Correspondente, as pessoas queriam fazer parte do programa.

Outra questão importante e marcante do Correspondente do Interior eram os avisos. A procura era tão grande, que segundo, José Elpídio, diariamente tinha uma média de 120 recados (70 pela manhã e de 40 a 50 a tarde). A procura ficou tão intensa, que houve a necessidade da criação de uma recepção para receber apenas os avisos do programa. “A rádio mantinha uma recepção para os avisos, mas a carência era muito grande, porque no início tinha uma máquina datilográfica, para datilografar alguns avisos, outros, no entanto, a recepcionista fazia a mão mesmo, por sinal tinha alguns com a caligrafia muito boa” (SEBASTIÃO LUZ).

Nesse contexto, o rádio se inseriu na sociedade picoense por meio do Correspondente do Interior. O locutor Sebastião Luz lembra que o programa foi tão importante na vida da população, que o comércio picoense paralisava no horário de transmissão. Para ele, o Correspondente estava presente no cotidiano das pessoas, e unia a informação com o entretenimento, já que esse passava músicas no decorrer do horário de veiculação.

É importante frisar que assim como no caso de Picos, o rádio foi determinante para a vida social e cotidiana do País. Para Azevedo (2002), o rádio marcou intensamente a vida cotidiana da população principalmente na primeira metade do século XX, chegando a interferir

na formação social e cultural do povo brasileiro. Porém, como a instalação de uma emissora em Picos só ocorreu na segunda metade do referido século, a rádio Difusora, tendo como carro chefe o Correspondente, se fixou como uma rotina na realidade local.

Historicamente, o rádio faz parte do cenário cotidiano nacional desde meados da década de 1920. Com o passar dos anos o meio de comunicação deixa de ser apenas um objeto de ostentação das elites e passa a fazer parte dos lares das famílias, se tornado um meio massivo. Esse fato aconteceu no delinear dos anos 30 do século passado, e isso fez mudar o cenário da vida da população. O rádio foi se inserindo cada vez mais nas atividades diárias das pessoas, e também interferiu nos acontecimentos políticos, econômicos e culturais.

Alterando a rotina da casa, trazendo as “últimas novidades” do mundo civilizado, o rádio interfere, chegando mesmo a reordenar o cotidiano de parte da sociedade brasileira. O rádio foi um veículo privilegiado no processo de formação e de divulgação de um novo estilo de vida, ligado às novas práticas culturais urbanas. (AZEVEDO, 2002, p.13)

Nesse sentido, a autora observa que hábitos, a moda, a cultura, a música principalmente, o comportamento da população do País foi moldado pelos produtos radiofônicos, tais como: comerciais, programas e até os locutores e artistas do rádio, eram verdadeiros ídolos e exemplo para o povo. Além disso, o estilo de se vestir e até mesmo a maneira de falar sofreu alterações: gírias e dizeres falados na Rádio Nacional eram copiados e repetidos por indivíduos das mais diferentes regiões, idades e classes sociais. Culturas que eram destaque apenas em alguns segmentos da sociedade passaram a fazer parte da cultura nacional.

Trazendo esse contexto para a realidade picoense, José Elpídio, recorda que o Correspondente do Interior se tornou tão importante para a cidade, que as roupas que ele usava nos horários de apresentação e também no seu dia-a-dia viravam moda na região. O entrevistado destaca que, mesmo sendo um meio de comunicação sonoro, os ouvintes iam até a emissora e observavam todos os detalhes dos locutores. O locutor lembrar que era muito amigo dos ouvintes, e que recebeu até um codinome.

No início me falaram que cada um teria uma identificação, fui identificado por “Animador feliz”. Ficava ‘José Elpídio, “o animador feliz’. A maioria dos meus amigos de Picos me chamam assim até hoje. Realmente envolvia muito essa comunicação devido a aproximação que eu tinha com os ouvintes, ia de encontro com as pessoas no final de semana, ia passar com eles batendo papo. Então quando chegava o início da semana tinha uma

bagagem muito grande, que essas informações que pegava me enriqueciam muito.

Sendo assim, o rádio foi um elemento decisivo num determinado momento da história nacional, tendo um grande destaque na vida e no dia a dia das pessoas. O recorte proposto por Azevedo é apenas uma possibilidade de análise do rádio enquanto veículo de comunicação que determinou o fazer da vida cotidiana a partir da análise histórica ou da construção historiográfica do rádio, onde o saber cotidiano é representado pelos grupos sociais do período (elite e classes populares).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O rádio alterou a organização do cotidiano da sociedade brasileira, bem como se fez presente na vida das pessoas, fosse através de música, informação, entretenimento, previsão do tempo, publicidade, dicas de saúde, cultura, educação fosse: no trabalho, no carro, em casa, na fazenda, no centro urbano. Enfim, denota que do amanhecer ao anoitecer, nos bons e maus momentos, ele sempre estava ali, fazendo companhia, educando, entretendo, ensinando, fazendo parte da história de vida da população brasileira da época.

Essas interações que a população estabelecia diariamente e incansável com rádio ajudavam a construir a rotina em função da programação radiofônica. O que as pessoas falavam, ouviam, faziam ou deixavam de fazer tinha influência do que era transmitido no rádio. Nesse momento o meio sonoro foi determinante na construção da vida cotidiana da população.

Na cidade de Picos, a realidade durante o final dos anos de 1970 até o início do século XXI não foi diferente. O rádio teve grande importância na construção da história local e moldou a vida de diversas pessoas. Mas, mesmo sendo marcante a carência de fontes documentais sobre a história atrapalha as pesquisas sobre o meio de comunicação local.

Porém, como o rádio picoense é um tanto recente, ainda podemos recorrer ao uso das memórias de quem ajudou a construir a história, tanto das emissoras, como dos programas e do meio de comunicação em si. Nessa monografia, os locutores aqui apresentado, José Elpídio e Sebastião Luz, ajudam na compreensão dessa atividade tão importante para a sociedade da época, que é a radiofonia. Esses, constroem uma memória, que contribuí para a produção da história local, tendo envolta um emaranhado de lembranças vivenciadas sobre a cidade e o rádio.

Por fim, com esse trabalho de conclusão de curso, espera-se contribuir com a construção da história do rádio picoense e por que não da história da cidade, tendo como fonte os relatos e as memórias das pessoas que ajudaram no desenhar o que podemos chamar de uma memória radiofônica, por meio, do Correspondente do Interior, que tanto marcou e marca a vida e cotidiano de inúmeros ouvintes.

FONTES ORAIS

BARROS, José Francisco. **Entrevista concedida a Livia Moreira Barroso**. Francisco Santos, 2014.

LUZ, Sebastião Araújo. **Entrevista concedida a Livia Moreira Barroso**. Picos, 2014.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, J.M.V; NASCIMENTO, F.A; PEREIRA, L.L. **Pelas ondas do rádio: a trajetória da radiodifusão no Piauí na década de 1960**. XXII Simpósio Nacional de História – ANPUH, João Pessoa, 2003. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.740.pdf>. Acesso em: 14 de março de 2013.

AZEVEDO, L. C. **A Era do Rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=YA8KcfrFfkC&printsec=frontcover&dq=a+era+do+r%C3%A1dio&hl=ptBR&ei=gNcjTJKHHYP68AaDtKTVBQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CC8Q6AEwAA#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: out. 2011.

BRIGGS, A; BURKE, P. **Uma história social da mídia: de Gutemberg à internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

CARVALHO, J.M; MELO, T.R; REGO, A.R. **O surgimento do rádio no Piauí**. Anais do II Encontro Nordeste de História da Mídia, Teresina, 2012. Disponível em: <http://www.historiadamidianordeste.com.br/2012/anais/resumos/GT5/GT5-Jo%C3%86o%20Magalh%C3%86es%20Carvalho%20e%20Thiago%20Ramos%20de%20Melo.pdf>. Acesso em: 14 de março de 2013.

DELGADO, L. A.N. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FERRARETO, A. L. **Rádio: o Veículo, a História e a Técnica**. 2ª edição. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

GROSSI, Y. S.; FERREIRA, A. C. Razão narrativa: significado e memória. **História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral**, São Paulo, n. 4, p. 39-54, 2001.

HALBWCHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Vértice/Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HARTMANN, J; MUELLER, N. **A comunicação pelo microfone**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

LIMA, N.C. Invisíveis asas das ondas ZYQ-3: a Rádio Difusora de Teresina na década de 1950. In: NASCIMENTO, F.A; SANTIAGO JR, F.C.F. **Encruzilhadas da História: rádio e memória**. Recife: Editora Bagaço, 2006.

MOREIRA, S.V. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2000.

NASCIMENTO, F.A. **Os antecedentes do rádio**. Anais do XXII Simpósio Nacional de História – ANPUH, João Pessoa, 2003. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.245.pdf>. Acesso em: 14 de março de 2013.

NEUBERGER, R.S.A. **O rádio na época da convergência das mídias**. Cruz das Almas: Editora da UFRB, 2012.

RIBEIRO, A.P.G; HERSCHMANN. M. História da Comunicação no Brasil: um campo em construção. In: RIBEIRO, A.P.G; HERSCHMANN. M. (Org.) **Comunicação e História: interfaces e novas abordagens**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

ORTRIWANO, G. S. **A Informação no Rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1985.

SANTAELLA, L. **Comunicação e pesquisa**. São Paulo: Hacker Editores, 2003.

SOLON, D. Novos sons se espalham por Teresina: os alto-falantes e o processo de modernização da Cida (1939-1952). In: NASCIMENTO, F.A; SANTIAGO JR, F.C.F. **Encruzilhadas da História: rádio e memória**. Recife: Editora Bagaço, 2006.

APÊNDICES

Entrevista: José Francisco de Barros (José Elpídio).

1. Antes de ser locutor, qual era sua relação com o rádio?

Não tinha praticamente nenhum acesso ao rádio, porque não existia emissora na região, tinha emissora só em Teresina e nas cidades próximas de Petrolina, Crato. Então não tinha nenhuma experiência em termo de rádio, Foi quando surgiu a difusora de Picos, e o Senador Helvidio Nunes que acompanhava sempre as programações da igreja, ao qual eu era funcionário da diocese, dirigindo as programações, sempre a frente da direção das missas, então o senador Helvídio Nunes como éramos amigos, passou a perceber, porque fazia tempo que eu vinha pedindo emprego, quando ele foi instalar a rádio difusora pensou logo quem seria os locutores, e passou a verificar a mim e ao Erivan Lima que era o foco da época em termo de comunicação, ele trabalhava em uma casa de revista e também fazia parte do MIC (Movimento de Integração Cristã) da paróquia de Picos ao qual nós fazíamos parte, era uma equipe de mais de 70 jovens. Na verdade é que vendo essa capacidade de voz, a dicção de voz, chamou atenção do senador e ele me falou ‘Zé Elpideo, eu tenho uma oportunidade pra você’, na época eu trabalhava com o Bispo, e ele me convidou pra fazer parte do elenco da rádio difusora e não aceitei o desafio no momento por duas razões, primeiro porque me sentia incapaz, não tinha nenhuma experiência, ao menos em termo de rádio. Segundo porque trabalhava com o Bispo e me dava muito bem, não queria deixar o trabalho. E coloquei pra ele a primeira dificuldade que seria, eu talvez nem querendo com medo, ele falar com o Bispo e ele passou por essa barreira e falou com Dom Augusto, e ele falou que a decisão era minha, que aceitava, compreendia, e que eu teria um futuro maior no rádio. me chamou e disse que se eu quisesse ir, mas se quisesse ficar também. Fiquei indeciso, foi quando Erivan também foi convidado, éramos muito amigos e ele só me incentivava a aceitar o desafio. Na época a equipe era eu, Erivan, G.J. Leitão (advogado) e o Geraldo Pereira que era o técnico, mas ele já trabalhava fazendo propaganda em alto-falantes. Aceitamos o desafio e passamos a nos reunir, eu, Erivan, Senador Helvídeo, Geraldo e o senador colocou que queria um programa que desse os recados, utilidade pública, convite festas, doenças, quem chegou ao hospital, quem viajou quem chegou, etc. então falou que queria que fosse feito por mim. Colocou-me pra escolher o nome do programa, os horários mais adequados, eram dois horários e escolhi o

de 11 horas da manhã, porque era a hora que as pessoas estariam chegando do trabalho, tanto na cidade como na zona rural, iria atingir melhor, porque na época os telefones eram poucos nas cidades pequenas. Como era uma rádio de ondas médias atingia longe o sinal. Aceitamos o desafio e teria que fazer um disk jôquei, Erivan preferiu fazer de 8 às 10 horas, e eu preferi o de 11 horas e o de 17:30 horas no final do expediente, quando as pessoas estavam voltando do trabalho. Então deu tudo certo e escolhi o nome Correspondente do Interior, característica do programa que ainda hoje existe, o fundo musical foi aquele mesmo. Erivan ficou com o jornalismo do meio dia, o informativo global, e o manhã total e eu o correspondente, isso no primeiro dia, a emissora foi inaugurada no dia 29 e eu e Erivan entramos no ar em 12 de julho, antes da inauguração, apenas eu e Erivan. Comecei o primeiro programa com três avisos, falava um e passava uma musica, isso pela manha, a tarde chegou mais avisos, no dia seguinte já tinha dez avisos, foi aumentando a cada dia, ao ponto que com 22 dias de programa falei pro senador que não dava pra apresentar sozinho os avisos, o programa tomou uma dimensão muito grande, não esperávamos aquilo, fiquei bastante tempo nos primeiros dias. O programa tem uma importância extraordinária, ele apresentava todas as noticias de caráter de importância tanto pra cidade, mas principalmente pro interior, porque as pessoas que estavam doente mandava o aviso e a família vinha socorrer com roupas, etc. Prestava outro serviço fora do rádio eu levava as vezes as pessoas ao hospital.

2. Você falou que movimentou a cidade o processo de inicio do programa, você era reconhecido nas ruas de Picos na época?

Foi uma surpresa muito grande, pois não tinha nenhuma experiência. Me sentia incapaz de ser radialista, mas como por termos tido a liberdade de fazer, de criar, então tivemos uma dimensão muito grande em toda a região. Acho que o marco maior dos anos 80, foi a criação da rádio difusora. Teve uma repercussão muito grande não só no Piauí, mas no Ceará e no Pernambuco, nas cidades mais próximas, passava vários avisos pra lá, Tauá, Parambú, Campos Sales, tinha uma premissa muito grande em termos de potencia, Geraldo era um grande técnico e a emissora uma audiência grande e um alcance bem distante.

3. Como era o processo de recebimento dos avisos?

Nós tínhamos a Rosa que recebia os avisos, convites, etc, e também recebíamos as cartas, pessoas escreviam as cartas para os horários de disk jôqueis, pedindo musica, aproveitava para passar avisos gratuitamente, porque os do correspondente eram pagos. Cheguei a receber em média 150 cartas por dia. Passava até meia noite produzindo, porque você começava a ler a carta e em uma parte era fazendo declaração de amor, e depois pedia

pra dedicar a musica, qual a musica, o cantor. Tinha que separar a parte que iria divulgar no programa, resumia as cartas pra poder atender a todos.

4. E a quantidade de avisos qual era a média?

O programa de 11 horas tinha uma média de 70 avisos. A tarde era menos em torno de 40 a 50. Mas pela manhã tinha dia que ultrapassava essa média.

5. Qual era o tema que mais tinha nesses avisos?

Seria muito mais de utilidade pública, se a pessoa adoeceu, se viajou. Tínhamos muito convite festa, convite cantoria, convite leilão, eram esses convites, mas eram em um numero menor que os de utilidade.

6. Tem algum caso de um aviso que você lembra especificamente, algum que foi engraçado ou trágico?

Muitos, confesso que devido a popularidade que tínhamos passei a ser conhecido e tinha um numero muito grande de pessoas que iam a rádio pra conhecer o apresentador, a emissora e por isso sempre tinha muita gente na rádio nos horários que eu estava chegando, adquiri essa popularidade maior acho porque me identificava muito coma vida das pessoas, eu demonstrava esse amor por elas. As pessoas conheciam por o tom da voz, e as pessoas conhecem a tonalidade da voz mesmo não estando vendo. Isso apaixonou as pessoas, então queriam conhecer o apresentador. Achavam que eu era mais velho e quando conheciam falavam ‘mas é um rapaz novo’ e era tão magro que as pessoas não acreditavam que tinha aquele vozeirão. Depois queriam conversar comigo, marcar pra eu ir conhecer aquela região no final de semana, então tinha sempre muitas pessoas ao redor. Essa identificação era muito forte, me deixando alegre por saber que as pessoas gostavam de mim, tanto que tive compromisso muito grande com os meus ouvintes e eles me conheciam e sabiam do meu temor a Deus, pois sempre demonstrei isso no ar, fazia uma oração assim que entrava no ar.

7. Me falaram que você tinha uma musica sua no inicio?

No inicio me falaram que cada um teria uma identificação, fui identificado por animador feliz. Ficava ‘José Elpidio, animador feliz’. A maioria dos meus amigos de Picos me chamam assim até hoje. Realmente envolvia muito essa comunicação devido a aproximação que eu tinha com os ouvintes, ia de encontro com as pessoas no final de semana, ia passar com eles batendo papo. Então quando chegava o inicio da semana tinha uma bagagem muito grande, que essas informações que pegava me enriqueciam muito.

8. Existiram avisos que chegavam a ser banais?

Teve inúmeros, mas devido o numero ser tão grande, eu estava tão acostumado com aquilo, quase todo dia tinha avisos engraçados. Teve um tempo que colecionei, mas depois

terminei perdendo, até porque alguns amigos terminavam me aperreando com alguns aviso, um que marcou muito, eu sempre lia os avisos antes de entrar, mas esse me chegou dentro do programa, Rosinha não estava mais, tinha tantos que não olhei primeiro, comecei ler ‘procurasse um garoto, trajando calça’ quando disse ai percebi que tava errado e falei ‘desculpa, mas passou pela produção e eu não vi, é um garoto trajando calça tal, camisa tal, etc’. Como já tava no ar não tinha como voltar atrás, porque na comunicação se você errar é melhor não consertar na hora deixa passar. Deixa pra consertar mais adiante, de outra forma. Mas esse permanece até hoje. Ouve vários. O Erivan se acabava de rir com os meus erros, quando olhava pra ele tava rindo e eu ria, teria que pedir desculpas pra pessoa que passou o aviso não ficar chateada comigo. ‘o meu riso não é do aviso, mas do Erivan Lima que ta rindo aqui.’ Colocava isso. Não dava pra não rir.

9. Qual a importância do correspondente pra Picos?

Acho que foi um marco muito grande, ou talvez até o maior das últimas décadas em Picos. A criação da radio difusora e principalmente do correspondente do interior, a dimensão e o envolvimento foi tão grande com as pessoas, foi uma coisa que penetrou na população, da criança ao velho, aceitação grande que dura até hoje. Quando encontro as pessoas me perguntam se ainda do correspondente e da musica ‘não desliga o rádio desta emissora, porque o José Elpideo já está na difusora’, foi uma musica que fez pra mim, ele é um poeta, foi prefeito, essa musica era cantada mais no programa tarde alegre, mas ficou esse marco. Pra mim acho que foi a coisa, mas importante implantada em Picos nessas ultimas quatro décadas, é inesquecível, quem passou por ele não esquece, não tenho uma palavra pra definir. O tarde alegre não teve a metade da importância do correspondente do interior.

10. E você sabe o porquê dessa importância?

Exatamente por conta do conteúdo dele, porque vidas foram salvas através daquele programa. Quantas pessoas seriam internadas no hospital, quantas adoeciam e através dele a pessoa chegava com urgência, as vezes chegava já tinha até um medico à espera. Quantas alegrias levou pras pessoas, quando era divulgado os aniversários de uma pessoa idosa, toda a família ficava envolvida, porque naquele horário você convidava os amigos pra confraternização. Tinha uma abrangência muito grande em termos de utilidade naquele horário.

11. Você passou quanto tempo no correspondente?

Na primeira etapa foram 5 anos. Depois estava na prefeitura, devido o amor que tinha pelo programa, sendo tesoureiro, mas ainda ia fazer o correspondente de 11 horas sem

nenhum compromisso, de graça passei mais de um ano. Em 1993 voltei só para o tarde alegre, não fiz mais o correspondente.

12. Outra coisa marcante do correspondente é a vinheta de abertura, foi você quem escolheu?

Também foi. Tivemos a total liberdade de preparar tudo, o Libório gravou apenas.

13. No início dos anos 80, o país vivia muitos problemas militares, o correspondente teve alguma interferência disso?

Não, nenhuma. Uma certa diferença tivemos no programa tarde alegre, porque tínhamos total liberdade de comunicação e você não tinha um material que te ajudasse, tinha que falar o que achava o que viu em alguma revista, da história que conhecia, e eu andei fazendo uns comentários de algumas musicas que atingia o sistema militar, as musicas de Geraldo Vandré, uma pessoa me ligou do 3º BEC pedindo que não fizesse esse tipo de comentário, já estava chegando ao final esse processo, que tinha tanta admiração, todo o batalhão ligava nos meus programas, que deixava um certo descontentamento, que até entendia que eu não fazia de propósito, mas que a instituição poderia se sentir ofendida, porque era uma certa critica. Daí respeitei, não gostava de fazer critica, sempre evitei.

Entrevista: Sebastião Luz

1. Antes de ser locutor, qual era sua relação com o rádio?

Minha relação com o rádio está no DNA, é genético, meu pai sempre foi ouvinte, então já nasci ouvindo rádio. Meu primeiro contato com rádio foi numa rádio comunitária AM de Picos, eu tinha poucos anos de vida, de 4 a 5 anos. E foi instalada a rádio lá no sertão, meu pai tinha um rádio de mesa e eu subia na mesa e ficava ouvindo. Ouvia as musicas, então a partir daí fui despertando para rádio como ouvinte, como nossa região e todo o Brasil é bastante influenciado pela difusão da cultura através do Rio de Janeiro-RJ, eu ouvia muito a rádio Globo, as de São Paulo-SP também, a região sudeste é pólo de cultura. Nos anos 1970, me recordo bem, que a influencia maior mesmo foi uma das rádios de Salvador-BA. Elas tinham uma boa penetração na região de Picos-PI, a rádio essélsio da Bahia, a sociedade, a cultura, melhor que a pioneira de Teresina-PI. A difusora quase não se adaptava aqui, porque Picos-PI dada a sua geografia, a dificuldade de sintonia de rádio AM, principalmente rádios de ondas médias, curtas e tropicais, tem uma certa dificuldade de sintonizar.

Mas as rádios de Salvador-BA, dessa faixa leste, do litoral, de Recife, Sergipe, Aracaju, penetram melhor, então eu acho que fui mais influenciado talvez pela rádio cultura da Bahia. Ficava ouvindo a cultura durante o dia e a noite ouvia a rádio sociedade que tinha uma qualidade muito boa, e daí me apaixonei pelo rádio, tanto é que, como nasci na roça com 9 anos já sabia ordenhar vacas, puxar boi, não trabalhei muitos anos na roça porque aos 15 anos já fui trabalhar no rádio. Já tinha aquela paixão desde menino, jornalismo também, morava num bairro mais afastado e tinha pouco acesso aos jornais, só que tinha um tio que trabalhava no serviço da cidade e ele tinha ao jornal, assinando o jornal O dia e também comprava geralmente o jornal O Estado. Fiz essa junção de jornal e rádio e defini desde novo, ‘quero ser jornalista, radialista’, tanto é que no rádio fiz alguns trabalhos de entretenimento, mas não é meu foco, gosto mais do rádio jornalismo.

2. Como você verifica a participação do rádio na sua vida, na década de 60, 70?

O rádio tinha muita força, pois basicamente só existia ele, a TV só chegou aqui nos anos 70 com pouca qualidade, dificuldade de sintonia. A TV clube chegou no Piauí em 1972, mas no interior do estado por volta de 1974, mas com muita dificuldade, não tinha energia todo dia, a TV patinou por muito tempo aqui, até que chegou por satélite, parabólica. Mas era muito difícil a manutenção do sinal de TV. E o rádio era a opção, tinha muita força nesse período, primeiro as rádios de fora e depois as locais, que chegaram aqui em 1979, a rádio demorou muito a chegar em Picos, mas quando chegou veio com mais força que a TV. Até porque a TV só tinha canal em Teresina. O rádio teve uma importância efetiva na integração dessa região. Pois Picos estava num franco desenvolvimento, algumas industrias nos anos 70, 80, comercio em expansão, ainda hoje estamos num franco desenvolvimento.

3. A rádio difusora foi sua primeira emissora?

Foi minha primeira emissora a trabalhar. Assim, comecei na difusora, tive dois momentos que me marcaram nessa rádio, em 1980 quando tinha apenas 15 anos, tinha uns estagiários da Universidade Federal do Goiás, e eles prestavam serviços na emissora, e como eu estava começando ainda, faltava sempre mão de obra, então essa turma organizou um pequeno teste seletivo pra escolher o sonoplasta, um disque jôquei, e um repórter. Daí fui aprovado pra repórter, fiquei uns seis meses nesse período no aprendizado. Mas me marcou porque fiquei um período como repórter, e foi a primeira vez que peguei um microfone de rádio ao vivo. Uma experiência

fantástica, eu era muito jovem, em uma época que o rádio era muito recente em Picos, era uma vitrine, tinha uma visibilidade muito boa quem tava no rádio e eu fui repórter em 01 de maio de 1980, é o meu marco no rádio, porque peguei o microfone e apresentei o informativo global, no jornal do meio dia. Já no correspondente do interior foi na segunda etapa, pois a rádio tava no processo de montagem de equipe, em certo dia o proprietário me chamou e disse ‘olha, você vai para o jornal, to de saída’ mas me achava muito jovem pra assumir a responsabilidade de um jornal e não aceitei o cargo, tive que ficar um período afastado da rádio, só retornei em 1985 e fiquei até 2001. Nesse período foi que criei mais uma identidade dentro do rádio. Passei a fazer reportagem, apresentar jornal, fui contratado como auxiliar discotecário, era como se não tivesse mais espaço pra mim na rádio, mas no mesmo ano já assumi o correspondente e fiquei participando do jornal, fazendo reportagem. O correspondente vinha de um período que o Zé Elpídio foi um marco muito forte, tinha uma identidade com o correspondente. A partir de 1982 foram vários apresentadores, não era possível um locutor criar uma identidade, um dia tinha um apresentando outro dia tinha outro, não tinha um apresentador permanente. Sendo que o programa ocorria diariamente em duas edições, de 11 horas e 17 horas. Quando retornei em 1985 já no final do ano, em 86 assumi em definitivo o correspondente, acho que criamos uma nova identidade no programa. Ficamos 16 anos à frente do correspondente dos 35 anos que ele esta no ar.

4. Tem alguma coisa em especial que você associa ao correspondente, se alguém chegar pra você dizendo ‘defina o que é o correspondente do interior’ definiria como?

Diria que foi uma fase de ouro do rádio picoense. Porque o correspondente esta para aquele período como o facebook hoje esta para as redes sociais. O correspondente era um provedor de rede social, criou uma grande rede social. As pessoas conseguiam se relacionar via correspondente do interior. Fosse anunciando o nascimento de uma criança, fosse óbito de uma pessoa no hospital ou em casa, então do nascimento à morte as pessoas estavam dentro do correspondente, ao qual ocorre hoje no facebook. Pois era uma fase que a região de Picos não tinha os avisos do correspondente, as pessoas queriam fazer parte do programa. Algumas coisas que você hoje acha tão banal, mas era o cotidiano das pessoas e era interessante compartilhar aquilo com os demais. Era o meio da região se manter integrada. Era uma rede social através do correspondente. O programa teve algumas fases, de anunciar, quando a

Telepisa instalou alguns postos telefônicos nas cidades e as pessoas não queriam passar um aviso muito intimo já iam ligar.

5. Esses avisos chegavam como a rádio?

A rádio mantinha uma recepção para os avisos, mas a carência muito grande, porque no inicio tinha uma maquina datilográfica, pra datilografar alguns avisos, outros, no entanto a recepcionista fazia a mão mesmo, por sinal tinha alguns com a caligrafia muito boa. Quando assumi o correspondente, já liberei a recepcionista. Então criei uma identidade que me identificava de onde era o aviso, a comunidade, o assunto, conhecia só por a caligrafia. Porque é incrível que cada região tem uma identidade caligráfica. Acho que depende muito do alfabetizador, então cada região tem a sua particularidade, sua identidade própria na caligrafia. Quando os avisos chegavam até a mim, já reconhecia de que região era. Eu não tinha uma formação acadêmica em rádio, mas tinha noção que rádio é oralidade, então não pegava os avisos para ler, mas para dizer. Dizer oralmente à pessoa, era menos formal, se você vai ler fica uma coisa muito chata.

6. Tem algum correspondente que você lembra especial, porque sempre tem aquela historia cômica, dramática?

Não, pois eu sempre acho que todos os avisos foram muito importantes, não tinha um mais importante que o outro. Poderia ter um que atingisse com mais importância um numero maior de pessoas, mas dentro de suas individualidades, do dia-a-dia, no cotidiano das pessoas cada aviso tinha sua devida importância. Não chegava a numerar porque não achava nada fantástico, mas dentro da normalidade da comunicação.

7. Qual é o publico que mais escutava o correspondente?

Era uma coisa que na época não conseguia identificar, nem dimensionar quem eram os ouvintes, mas o correspondente tinha grande audiência em todas as comunidades, em todas as faixas etárias, inclusive dentro da cidade de Picos também, as pessoas da cidade ouviam mais pra interagir com as comunidades. Mas com certeza tinha um maior publico na zona rural, pessoas já casadas, com idade mediana, mas é incrível como o correspondente, hoje eu vejo pessoas adultas dizendo ‘eu ti ouvia quando era criança’, tinha uma importância grande que ate as crianças da época ouviam. E nem tínhamos uma comunicação voltada pra elas.

8. O que você acha que leva o correspondente a se manter no ar por tanto tempo com o mesmo formato e com grande audiência até os dias atuais?

Acho que é essa prestação de serviços, essa forma de aproximar as pessoas. É uma grande rede, hoje já esta mais limitada, bem segmentado, certamente hoje os ouvintes são pessoas adultas, que vem de uma geração do correspondente. Isso me deixa preocupado com o rádio AM de um modo geral, hoje poucos celulares tem AM, que é o novo formato de ouvir rádio, a minha preocupação era a renovação do publico ouvinte no rádio AM, acho que esta perdendo muito campo, nessa decisão e migração do rádio AM para o FM é a capacidade de se reinventar do rádio. Rádio AM é especial, acho que agora vai ter um novo impulso.

9. Qual a importância do correspondente para a historia do rádio picoense?

O correspondente é emblemático. Nasceu oficialmente antes da rádio ter sido inaugurada. Foi um gol de placa na época do Senador Helvídio Nunes, que foi o idealizador da emissora, a partir a criação tomou conta da cidade, atingiu todo o segmento.

10. Você sabe qual era o objetivo do Senador Helvídio Nunes quando criou esse programa?

Era exatamente a questão da interação, de trazer as pessoas para o rádio, para anunciar, contar suas histórias, prestar serviços de utilidade pública, divulgar coisas do dia-a-dia do correspondente. Tem avisos de uma simplicidade e outros que acho fantástico assim, que perdeu um pente numa determinada comunidade rural e aquela pessoa ainda encontrava o pente. Um valor só para a pessoa, mas tinha a devolução, a interação, então ele participou disso.